



# DA INTÉRPRETE DE ENFERMIDADES ÀS TERRAS NÃO FAMILIARES: A FICÇÃO DE JHUMPA LAHIRI

---

Prof. Ms. Gustavo Vargas Cohen<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/3799897454430594>

**RESUMO** – Este artigo é uma introdução *naïf* à literatura indiana contemporânea produzida em língua inglesa. Baseado em uma série de resenhas publicadas no *New York Times* na última década, este trabalho se propõe a apresentar e discutir um seletivo grupo de escritores indianos, com especial ênfase a Jhumpa Lahiri e a duas de suas coletâneas de contos, *Interpreter of Maladies* (1999) e *Unaccustomed Earth* (2008).

**PALAVRAS-CHAVE** – Literatura indiana; Ficção contemporânea; Jhumpa Lahiri.

**ABSTRACT** – This article is a *naïf* introduction to contemporary Indian literature produced in English language. Based on a series of reviews published in the *New York Times* in the last decade or so, this piece of work proposes to present and discuss a selected group of Indian writers, with special emphasis placed on Jhumpa Lahiri and on two of her short story collections, *Interpreter of Maladies* (1999) and *Unaccustomed Earth* (2008).

**KEY-WORDS** – Indian literature; Contemporary fiction; Jhumpa Lahiri.

## Introdução

Baseado em uma série de resenhas publicadas no *New York Times* na última década, este artigo se propõe a apresentar e discutir um seletivo grupo de escritores indianos que optaram por fazer literatura indiana em língua inglesa e que, graças a seus talentos, alcançaram tamanho sucesso de público e crítica que se tornaram indispensáveis para as discussões atuais sobre literatura contemporânea internacional. A primeira parte deste é dedicada a uma breve, porém respeitosa, introdução a estes autores, citando seus romances e temas preferidos.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Literaturas de Língua Inglesa.



Na segunda parte deste artigo as atenções, entretanto, se voltam especialmente para a renomada Jhumpa Lahiri, e suas coletâneas de contos, *Interpreter of Maladies* (1999) e *Unaccustomed Earth* (2008), que lhe proporcionaram respeitáveis prêmios literários e sucesso. Argumentos críticos são elaborados de maneira a contemplar nuances de interpretação que vão de detalhes microscópicos a amplas generalizações sobre o trabalho intelectual e imaginativo destes autores que indubitavelmente tem muito para oferecer à literatura mundial.

O público brasileiro, de uma maneira geral, não os conhece. Estes jovens escritores compõem a chamada geração pós-Rushdie de literatura indiana. A seguir veremos os que têm se destacado mais por seus talentos imaginativos e excelência na composição de seus escritos.

Arundhati Roy escreveu o romance *The God of Small Things*, uma história sobre amor e castas em Kerala, no sudoeste tropical da Índia. O livro, publicado em 1997, vendeu, até o ano 2000, três milhões de cópias no mundo inteiro e, por ele, a Sra. Roy recebeu o prestigioso *Booker Prize* na Grã-Bretanha.

Pankaj Mishra é escritor e também editor da divisão Indiana da *HarperCollins*, tem 41 anos e seu primeiro romance *The Romantics*, do ano 2000, recebeu críticas excelentes no distinto *New York Times*.

Amit Chaudhuri tem 47 anos, é oriunda de Calcutá e teve seu primeiro livro publicado em solo americano em 1998, *Freedom Song*, considerado notável pelas críticas norte-americana e europeia. Ela diz estar bastante confiante sobre o futuro de escritores indianos que escrevem em língua inglesa (ROTHSTEIN, 2000).

Kiran Desai é filha da renomada escritora de ficção Anita Desai, tem 38 anos e igualmente recebeu elogios por seu primeiro romance, *Hullabaloo in the Guava Orchard*, publicado em 1998.

Akhil Sharma, aos 38 anos, é especialista em investimentos bancários em Manhattan. Seus contos vêm aparecendo com frequência nas prestigiadas revistas *The New Yorker* e *The Atlantic*. Unindo tragédia e comédia, publicou seu primeiro romance *An Obedient Father* no ano 2000 e foi bastante elogiado pela crítica especializada.

Raj Klama Jha é editor do jornal *The Indian Express* de Nova Delhi. O escritor de 43 anos atingiu em 1998 fama internacional com seu primeiro livro *The Blue Bedspread*, a história de um narrador anônimo, cuja irmã morre dando a luz a um bebê que precisa ficar sob seus cuidados por



uma noite, até ser encaminhado para adoção. À noite, enquanto cuida da criança em sua casa, escreve para ela histórias que acredita que irão ajudá-la a compreender seu lugar no mundo. Com uma prosa vibrante, explica que o livro nasceu de sua necessidade emocional de escrever, oriunda de uma severa dificuldade articulatória que tinha quando criança, o que o fez revelar que, quando se sentava para escrever, não tinha a fluência de suas palavras escritas interrompidas pela gagueira (ROTHSTEIN, 2000). Ainda, o nascimento de sua obra literária se deu por meio de seus sentimentos sobre a vida familiar na Índia, que fazia a expressão de suas emoções e de seu pensamento realmente difícil. *The Blue Bedspread* é, também, sobre a necessidade de romper com esta dificuldade de expressão.

E temos, é claro, Jhumpa Lahiri, que dispensa apresentações. Ela ganhou o prêmio *Pulitzer* em abril do ano 2000 por seu primeiro livro, a coletânea de contos chamada *Interpreter of Maladies*, publicado no ano anterior. Suas histórias, de uma maneira geral, e assim como a dos outros escritores aqui citados, evocam o complexo e conflituoso espírito dos indianos no mundo, e, especialmente, dos imigrantes indianos nos Estados Unidos (KAKUTANI, 2008).

### A geração de lahiri

A despeito dos surtos de atenção passageiros à Índia, atualmente o mundo literário tem novamente motivos para prestar a atenção em escritores indianos produzindo literatura em língua inglesa nos Estados Unidos. Aparentemente, as vozes destes escritores recebem mais atenção no ocidente do que no oriente. Uma explicação possível para isto é o fato de uma grande parcela da população indiana não conseguir ler ou escrever confortavelmente em língua inglesa.

Já editoras e escritores atribuem o fenômeno a fatores como a monumental publicidade que a Índia tem recebido internacionalmente desde 1997, na ocasião do quinquagésimo aniversário de independência do país, e ao crescimento do acesso de indianos à *internet*, o que facilita o contato de escritores indianos com influências no mundo ocidental.

A geração de Lahiri é conhecida, graças a críticos literários, como os “netos da meia-noite”, homenagem alusiva ao livro *Midnight's Children* de Salman Rushdie, romance indiano em forma de parábola sombria da história da Índia pós-independência que rendeu a seu autor o distinto *Booker Prize* em 1981 e novamente em 1993, em uma versão especial do mesmo prêmio, atribuindo ao livro *status* de melhor romance britânico do último quarto de século.



Diferentemente da geração de Rushdie, esta nova geração se desvia do Realismo Mágico que tanto influenciou e marcou a geração do autor de *Midnight's Children* e preocupa-se em representar simplesmente a realidade, que em si já é complexa o bastante.

O argumento para tal transição tem sido a insatisfação inerente à forma do Realismo Mágico que frequentemente acaba por complicar e confundir uma realidade que já é bastante complicada e confusa.

Os defensores vorazes de Rushdie, como o professor Michael Wood da universidade de Princeton, defendem-no clamando que confundir e complicar as coisas é frequentemente uma maneira de tentar entendê-las (ROTHSTEIN, 2000).

A nova geração compartilha discurso reflexivo e parcimonioso e oferece prosa que serve como um antídoto bem-vindo contra o Realismo Mágico, dizem seus defensores.

No caso de Lahiri, menos de três meses após o recebimento do *Pulitzer*, cento e setenta mil cópias de *Interpreter of Maladies* foram publicadas pela Mariner Books/Houghton Mifflin em edição de bolso e mais vinte mil em edição especial de capa dura. Leitores, portanto, não são um problema para ela. O que é difícil para ela e para alguns outros escritores de sua geração é a busca por sua identidade.

Lahiri nasceu em Londres, foi criada em Rhode Island, com pais imigrantes vindos de Calcutá. Entretanto, diferentemente de muitos dos seus conterrâneos, Lahiri é formada pela Barnard College e possui três diplomas de mestre, em Língua Inglesa, em Literatura Comparada e em Escrita Criativa, além de um título de Ph.D. em Estudos Renascentistas, todos pela Universidade de Boston.

Ela diz que a sua conexão com a Índia é fundamental, mas que é, ao mesmo tempo, confusa e escorregadia e, por isso, já foi causa de sofrimento e luta. Todavia, ela gosta de se ver e ser vista como uma escritora norte-americana, embora desde sua infância sempre foi encorajada a não perder sua “verdadeira” identidade. Ela conta que sua mãe fazia questão de criar todos os filhos de maneira indiana para que estes fizessem as coisas aos moldes pátrios, seja isso como for, e graças a isso, até hoje, ela ainda tem dificuldades em se identificar como uma americana.

É este conhecimento e a confusão que surge dele que impulsiona Lahiri a escrever sobre estrangeiros em uma terra não familiar. Interessantemente, os escritores que mais a influenciaram não são indianos, mas também foram estrangeiros em terras não familiares, como Vladimir Nabokov, James Joyce, Mavis Gallant e William Trevor. Ela diz que o que mais chama a sua atenção



nestes escritores é justamente suas conexões com algum lugar, por vezes beirando a obsessão, mesmo que não se sentissem, de fato, conectados a ele.

Nem todos os escritores de sua geração sofrem com os mesmos questionamentos. Akhil Sharama, o autor de *An Obedient Father*, mudou-se com seus pais de Nova Delhi para New Jersey quando tinha apenas nove anos, mas quando se trata de escrever sobre a Índia e sobre indianos, ele se vê como um nativo. O seu *curriculum vitae* parece, no entanto, bastante *americano*. Teve aulas de Escrita Criativa com Toni Morrison na Universidade de Princeton, foi bolsista Wallace Stegner na Universidade de Stanford, passou pela faculdade de direito de Harvard e é atualmente um investidor no mundo bancário em Nova Iorque. Ele diz, ainda, que passou muito tempo na Índia e que já foi de dez a quinze vezes para lá durante sua vida, ficando no mínimo três meses em cada visita. Ele afirma que a Índia tem um papel de suprema importância na sua imaginação e que escreve do ponto de vista de um indiano puro.

Outra autora que não sofre com os mesmos questionamentos é Kiran Desai, cujos romances focam nas contradições da vida moderna em cidades pequenas da Índia. Ela já foi comparada, por críticos, a escritores indianos de uma geração anterior, que inclui sua mãe R. K. Narayan. Desai mora nos Estados Unidos desde os quatorze anos. Desde então, passa, em média, metade dos anos em Nova Delhi. Ela diz se considerar uma escritora indiana que apenas reside na América. Em entrevista (ROTHSTEIN, 2000), disse que sua relação com a Índia é muito natural e, por isso, quando escreve, encontra com facilidade um elo com o passado indiano, porque faz parte de sua herança e está no seu sangue, afirma.

Hoje em dia se pode ir e vir com muita facilidade, o que faz da relação com o país de origem muito diferente do antigo estilo de imigração, em que raramente o indivíduo retornava a pátria mãe. A vida de classe média dos escritores bem sucedidos desta geração constitui uma exceção, e não a regra, para os padrões de vida na vasta terra indiana. Não é surpreendente que estes escritores não se sintam inteiramente ligados aos seus conterrâneos e, por vezes, separados do verdadeiro país onde há fome e miséria e sérias enfermidades, questões de classe e poder.

O escritor Amit Chaudhuri, mais otimista, acredita ser esta a aurora de uma nova geração que particularmente considera o romance literário uma forma extremamente atraente (ROTHSTEIN, 2000). Ele diz que é necessário tempo para testemunhar esta evolução e ver o que ainda está por se desenvolver.



### **A intérprete de enfermidades na terra das oportunidades**

Muitos dos personagens de Lahiri são indianos ou descendentes de indianos tentando ajustar suas vidas antigas às novas vidas em um novo país, os Estados Unidos. Segundo a crítica do *New York Times* Michiko Kakutani (1999) este ajuste é sintoma de um mal maior, um deslocamento cultural de proporções existenciais.

Dentre as histórias de *Interpreter of Maladies* (1999), por exemplo, em *When Mr. Pirzada Came To Dine* há um casal que vive perto um *campus* universitário na Nova Inglaterra que, a cada início de novo semestre, passa o dedo indicador pelas colunas do diretório universitário para ver se encontram sobrenomes que são familiares e que possivelmente são oriundos da mesma parte do mundo que eles. Sua solidão os faz circular estes nomes para então partir em busca de novos amigos em potencial.

Outra personagem, a Sra. Sen, homônima ao conto *Mrs Sen's*, é a esposa de um membro docente da universidade que se viu obrigada a buscar emprego como babá para preencher suas tardes livres. Ela reclama para as crianças sob sua supervisão que tudo com que ela realmente se importa ficou na Índia, no lar que ela deixou para trás. Outro fato interessante que aparece na história é que, neste país novo, ela diz não conseguir dormir com tanto silêncio. Tal afirmação delata uma mensagem não tão subliminar, ou seja, do que ela realmente sente falta é do senso de comunidade que tinha em seu país. Menciona que nem todos tinham telefone, portanto era só levantar um pouco a voz, ou expressar dor ou felicidade, e toda a vizinhança compartilharia de seus sentimentos e estariam prontos para ajudá-la caso necessitasse de algo. Conclui que, na América, sente-se como se mesmo gritando do fundo de seus pulmões ninguém, lhe prestaria auxílio (LAHIRI, 1999).

Outros personagens, não obstante, se dão conta de que a América tem para oferecer a eles e/ou a seus filhos, oportunidades que nunca teriam em casa. Em *When Mr. Pirzada Came To Dine*, a mãe da narradora sente-se segura ao ver a filha pequena levando uma vida fácil, tendo uma educação de qualidade e aproveitando cada oportunidade. A mãe pensa que sua filha nunca precisará comer comida racionada, ou obedecer a toques de recolher, ou olhar revoltas do telhado de sua casa, ou até esconder vizinhos na caixa d'água para evitar que sejam alvejados, como ela e seu marido precisaram fazer. Aos poucos, a filha, Lilia, de dez anos, aprende o quão marcadamente diferente são as



preocupações diárias da vida em um subúrbio americano quando comparadas a vida em outros lugares menos estáveis do mundo.

Em *Mrs. Sen's*, o menino Eliot, de onze anos, aprende lições semelhantes de sua babá, a acima mencionada Sra. Sen, que mostra para ele, através de seu discurso saudoso, a seriedade de conceitos como perda, exílio e solidão.

### **A saudade do passado e o desejo pelo futuro**

Os poderes aguçados de observação de Lahiri permitem que ela veja com muita clareza o passado e o futuro e como ambos simultaneamente regem a vida de seus personagens fictícios, em particular, e das pessoas, em geral.

N. P. Thompson (2008) do *Northwest Asian Weekly*, também vê o que Lahiri mostra de maneira subliminar. Thompson notou que os personagens de *Unaccustomed Earth* (2008), com a exceção do irmão alcoólatra na história *Only Goodness*, tendem a ser uniformemente bem sucedidos, bem educados e bem situados na vida, às vezes ao ponto de ostentação. Aparentemente nem um deles precisa lutar para conseguir as coisas que desejam, pelo menos não as materiais, e mesmo assim, não sentem, de todo, paz espiritual ou emocional.

Passado e presente se entrelaçam nos pensamentos de personagens como acontece com o velho Bengali que observa, na história que deu título ao livro, o seu neto dormindo e o visualiza dali a anos fechando literal ou metaforicamente as portas para seus pais, assim como seus filhos haviam feito para ele, assim com ele sabia que havia feito para seus próprios pais ao ir para a América e lá se estabelecer, em nome da ambição e do desejo por sucesso.

É digno de nota a maneira como Lahiri utiliza-se de ironias e de artifícios cômicos para construir suas histórias e fazê-las escalar até o ponto de tragédia (SCHILLINGER, 2008). Um bom exemplo se encontra no acima mencionado conto *Only Goodness*, onde a irmã sofre com culpa por ter apresentado bebidas alcoólicas ao irmão enquanto jovem. Enquanto adulto, o rapaz se torna alcoólatra. O conto *Hell-Heaven* também se utiliza de instrumentos de comédia para explorar o ciúme nas relações entre homem e mulher.

Thompson nota também outra questão de difícil resolução ou racionalização. Para a crítica, a maneira que Lahiri retrata a mulher americana não parece convincente (2008). Possivelmente o que



Thompson vê é que os personagens dedicados a mulher branca não transmitem a mesma empatia que é desenvolvida e trabalhada com a mulher indiana. Segundo a crítica, no conto *A Choice of Accommodations*, a esposa Americana, Megan, tem as emoções muito mecânicas e Pam, o antigo objeto de desejo do marido bengali de Megan é igualmente desprovida de calor, assemelhando-se a uma fantasia irreal. Nenhuma delas recebe o tratamento caloroso que o leitor encontra na personagem indiana, por exemplo, na mal-casada Apartna, do conto *Hell-Heaven*.

Por estas razões a exploração do casamento interracial é falho em *A Choice of Accommodations*, diz Thompson (2008).

Em todas as histórias de *Unaccustomed Earth*, um redemoinho de complexidades agita a vida familiar e social dos personagens. Como reflexo da vida real, podemos observar nos novos tipos de imigrantes supramencionados, assim como o fazemos nos personagens fictícios de Lahiri, a inevitável mudança e transformação dos papéis masculinos e femininos, especialmente no contexto doméstico. Atuando como crítica feminista, Adrienne Rich (McCARTHY, 1998) afirma que a intenção do artista não é retratar realidades sociais de maneira realista e convincente e sim é fazer emergir uma nova consciência para tratar das novas condições de vida e, conseqüentemente, conceber novas alternativas. Bem, uma espécie de revolução na ideologia doméstica tradicional se dá no conto *Unaccustomed Earth*, a história de Ruma, que devemos ver com mais detalhes agora.

Ruma é prototipicamente americana de origem indiana, tem trinta e oito anos, é advogada, embora não esteja exercendo a profissão no momento, e é casada com um americano branco, Adam. Eles têm um filho chamado Akash e, quando a história começa, Ruma está grávida de outro. Ela mora em uma casa nova recém-comprada no Eastside de Seattle, Washington. Antes disso residia com o marido e filho em Nova Iorque, no Brooklin, porém mudaram-se por conseqüência de transferência no trabalho de Adam.

O pai de Ruma se encontra recém-aposentado e precisa aprender a lidar com sua nova condição, aproveitando os benefícios do tempo livre e as liberdades proporcionadas pela idade. É interessante notar que Ruma é, por vezes, apresentada com aspectos ora mais conservadores do que aqueles esperados de seu pai. Um exemplo é sua atitude de preocupação excessiva beirando a obsessão que a faz manter na porta da geladeira todas as informações de vôo a cada vez que seu pai realiza uma viagem, e a faz cuidar notícias na televisão para saber se algum avião caiu em alguma parte do mundo.



Logo após as descrições de personagens e ambientes, a ação da história começa a se desenvolver quando o pai de Ruma, pelo telefone, sugere fazer uma visita. É também digna de nota a descrição do ambiente onde a mulher, ao receber a ligação, se encontra. Lahiri parece fazer questão de colocá-la na cozinha, preparando o jantar, enfatizando ser da mulher a tarefa de fazer todas as refeições da casa. Entendemos isto melhor quando aprendemos sobre a mãe de Ruma.

Aprendemos que depois que sua mãe morreu, Ruma assumiu certos deveres, como o de conversar com seu pai e todas as noites lhe perguntar como seu dia havia sido. A crítica feminista possivelmente interpretaria tal passagem como um gesto, consciente ou inconsciente da escritora, de lembrar o leitor sobre maneiras de perpetuar o papel da mulher através das gerações.

Adam, o marido, é frequentemente mencionado no texto como ausente, física e emocionalmente. Muitas vezes está viajando a serviço, certas vezes por uma semana inteira, tornando raro passar uma semana inteira em casa. Acompanhá-lo nestas viagens não parece uma opção. Não obstante, ele não se mostra de todo displicente, pois pelo menos encoraja a mulher a contratar uma babá para ajudá-la, até mesmo uma que morasse na mesma casa.

Pelo fato de não conhecer ninguém na nova cidade, a perspectiva de contratar um estranho para viver entre eles, ainda mais com um filho pequeno, não soa nada confortável para Ruma, na verdade, a ideia soa mais assustadora do que pensar em cuidar sozinha de tudo.

Na sua consciência pesava ainda outra questão. O fato de não estar trabalhando, para ela, jamais justificaria pagar alguém para fazer algo que ela tem não só capacidade como disponibilidade para fazer. Aos poucos, Ruma se conforma ao saber que a casa é seu trabalho agora, pelo menos por enquanto, pensa. Ruma lembra de que quando trabalhava dedicava-se cinquenta horas por semana e seu salário alcançava seis dígitos.

Talvez não surpreendentemente, Ruma não aparenta sentir tanta falta do marido quanto sente de sua mãe. Ela sente que a presença de sua mãe é a que seria, de fato, a mais útil. Sua mãe faria o que sabia bem, isto é, assumir com autoridade o controle e a logística da casa e da cozinha, cantar canções de ninar para o neto Akash, ensinar Bengali a ele e, por fim, jogar pilhas de roupa na máquina de lavar. Por consequência indireta, toda vez que se compara com sua mãe Ruma não consegue evitar e se envolve em um sentimento de inferioridade. Ruma simplesmente não consegue se imaginar tomando conta da casa e especialmente de seu pai da mesma maneira que sua mãe o faria, por exemplo, servindo as refeições da mesma maneira prática e servil.



Todos estes sentimentos fazem com que ela questione a ideia de convidar seu pai para morar junto com sua família. Mal sabe ela que seu pai tem outras ideias circulando por sua cabeça. Nesta altura do conto, o leitor é introduzido a um enredo paralelo ao principal que, mais tarde, resultará em um desfecho climático ao final. Durante suas viagens de lazer o pai de Ruma conhece a Sra. Bacshi, uma viúva indiana que vive sozinha em Long Island, dá aulas na Stony Brook University desde as anos setenta e é detentora do grau de Doutora em Estatística, uma mulher inteligente, elegante e interessante.

Sem consciência dos interesses externos do pai, Ruma se digladia com eventos simples porém importantes do cotidiano. Ela confessa para si mesmo que há dias em que tem vontade de simplesmente se vestir e sair pela porta da casa como Adam faz. Ela não consegue entender como sua mãe lidava tão bem com tudo isto. Enquanto crescia, Ruma acompanhou o trajeto de sua mãe se mudando com a família para um país estrangeiro, cruzando oceanos, e fazendo tudo isto praticamente sozinha, pelo casamento, pelas crianças, pela casa. Ruma pensa que tudo estava e sempre esteve a sua frente, tudo que sua mãe passou deveria servir para lhe mostrar que cominho não tomar e, de repente, parece que é exatamente este caminho que a sua vida está tomando.

Ruma tem uma fotografia ao lado de sua cama em que está com seu vestido de noiva e com o marido cortando o bolo no dia de seu casamento. Neste momento se faz claro para o leitor que embora as ausências de Adam contribuam grandemente para seu sentimento de isolamento e solidão, Ruma, não obstante, começa a se questionar se a ausência do marido não é, na realidade, preferível ao tê-lo em casa em sua volta perguntando se está tudo bem com ela ou constantemente indagando se ela precisa de alguma coisa. Mesmo tendo Akash para cuidar e sabendo da importância da presença masculina do pai na formação do menino, naquele momento, a solidão começa a parecer, de fato, preferível.

Ao final do conto, o leitor confirma a hipótese que especulara anteriormente, que o pai de Ruma declina o convite de morar com a filha, o genro e o neto porque decide respeitar seu desejo e perseguir seu interesse romântico com a Sra. Bacshi.

Tudo se encaixa e, no fim, a autora presenteia os leitores com um momento sublime de proporções domésticas. Nesta passagem vemos como Jhumpa Lahiri não só mostra a nova face dos imigrantes indianos na América como também mostra a nova face do papel do homem no ambiente doméstico, desbancando séculos de cultura patriarcal e talvez escandalizando conservadores do



mundo inteiro. É com esta bela passagem que concluo este texto dizendo que muitas vezes o que vemos na literatura é um prenúncio do que veremos na vida real.

After finishing the dishes he dried them and then scrubbed and dried the inside of the sink, removing the food particles from the drainer. He put the leftovers away in the refrigerator, tied up the trash bag and put it into the large barrel he'd noticed in the driveway, made sure the doors were locked.

He sat for a while at the kitchen table, fiddling with a saucepan whose handle –he'd noticed while washing it – was wobbly. He searched in the drawers for a screwdriver and, not finding one, accomplished the task with the tip of a steak knife (LAHIRI, 2008, p.27).

[Após terminar de lavar a louça ele a secou e então esfregou e secou o interior da pia, removendo pedaços de comida do ralo. Ele guardou as sobras na geladeira, arrumou o saco de lixo e colocou-o no latão que havia notado na entrada da garagem, certificou-se de que as portas estavam trancadas. Ele sentou-se por um instante à mesa da cozinha, mexendo na panela cujo cabo – havia notado durante a lavagem – esta instável. Ele procurou na gaveta por uma chave de fenda e, ao não encontrar, resolveu o problema com a ponta de uma faca de carne (tradução do autor).]

São ideias assim que fazem da literatura, independente de sua origem, um instrumento revolucionário e que reforçam o velho adágio que diz que a pena é mais poderosa que a espada. Jhumpa Lahiri e os escritores de sua geração, através de suas histórias de vida, assim como as de seus personagens, servem de exemplo para nos ajudar a entender como enfrentar e superar adversidades e desbravar novos caminhos com soluções criativas.

### Referências Bibliográficas

KAKUTANI, Michiko. Books of the Times: Liking America, but Longing for India. *The New York Times*. 6 ago. 1999. Disponível em: [www.nytimes.com/1999/08/06/books/books-of-the-times-liking-america-but-longing-for-india.html](http://www.nytimes.com/1999/08/06/books/books-of-the-times-liking-america-but-longing-for-india.html), acesso em 7 mar. 2010.

LAHIRI, Jhumpa. *Interpreter of maladies*. New York: Houghton Mifflin, 1999.

\_\_\_\_\_. *Unaccustomed Earth*. New York: Vintage Books, 2008.

MCCARTHY, Desmond F. *Reconstructing the Family in Contemporary American Fiction*. New York: Peter Lang Publishing, 1998. Disponível em:

[www.questia.com/read/6897578?title=Reconstructing%20the%20Family%20in%20Contemporary%20American%20Fiction](http://www.questia.com/read/6897578?title=Reconstructing%20the%20Family%20in%20Contemporary%20American%20Fiction), acesso em 14 mar. 2010.



ROTHSTEIN, Mervyn. India's Post-Rushdie Generation; Young Writers Leave Magic Realism and Look at Reality. *The New York Times*. 3 jul. 2000. Disponível em:

[www.nytimes.com/2000/07/03/books/india-s-post-rushdie-generation-young-writers-leave-magic-realism-look-reality.html?pagewanted=3](http://www.nytimes.com/2000/07/03/books/india-s-post-rushdie-generation-young-writers-leave-magic-realism-look-reality.html?pagewanted=3), acesso em 6 mar. 2010.

SCHILLINGER, Liesl. American Children. Sunday Book review. *The New York Times*. 6 abr. 2008.

Disponível em: [www.nytimes.com/2008/04/06/books/review/Schillinger3-t.html](http://www.nytimes.com/2008/04/06/books/review/Schillinger3-t.html), acesso em 6 mar. 2010.

THOMPSON, N. P. Jhumpa Lahiri's latest book continues to explore the immigrant experience. *The New York Times*. 29 mar. 2008. Disponível em:

[nwasianweekly.com/old/2008270014/book20082714.htm](http://nwasianweekly.com/old/2008270014/book20082714.htm)., acesso em 6 mar. 2010.

